

Fórum busca um rumo para o Brasil

Laércio Silva

O País tem que evitar a qualquer custo que tenhamos uma nova década perdida. Esta deve ser, na opinião do ex-ministro do Planejamento do governo Geisel, João Paulo dos Reis Velloso, a prioridade das lideranças nacionais, e a saída do círculo vicioso em que o Brasil se encontra tem uma única porta: o entendimento nacional, ainda que não informal. Reis Velloso falou com exclusividade ao CORREIO BRAZILIENSE.

O Instituto Nacional de Altos Estudos, do qual Reis Velloso é presidente, promove a partir de hoje até quinta-feira, o IV Fórum Nacional, que tem reunido nos últimos quatro anos as cabeças pensantes do País para discutir questões ligadas à conjuntura nacional. O Fórum estará sediado no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES, no Rio.

Para o ex-ministro, a saída do círculo vicioso da estagflação para o desenvolvimento auto-sustentado, segundo ele obtido na década de 70, tem como primeiro obstáculo o fim da inflação e isso só será possível com uma grande responsabilidade por parte das lideranças nacionais, sejam elas políticas, empresariais ou representantes das classes trabalhadoras. Ele não acredita, porém, na possibilidade de entendimento formal, nos moldes do que se convencionou chamar de "pacto social", mas também não acha que isso seja indispensável. Os impasses que têm surgido, como o atual em que o Governo tenta aprovar uma Lei Salarial com seus vetos e a oposição boicota as sessões do Congresso, são fruto de uma transição que Reis Velloso afirma será superada em algum momento.

Rumo — "Saímos de um regime — digamos assim — autoritário com idéias firmes de redemocratização, mas sem políticas econômicas e social definidas e o que acontece é que no momento estamos ainda à procura de um rumo. Ajudar o País

AJB



Velloso: saída no entendimento

a encontrar um rumo é o objetivo do Fórum Nacional que estamos realizando" disse Reis Velloso.

A grande fragmentação do sistema político tem agravado a situação, na opinião de Reis Velloso, porque o entendimento entre Executivo e Legislativo fica dificultado e citou os percentuais extremamente reduzidos de participação de cada partido político no número de cadeiras do Congresso Nacional. "Não é possível governar com o apoio de apenas dois partidos políticos, por exemplo", diz, para reforçar seu argumento de que nada pode ser feito sem um entendimento amplo.

Uma vez havendo tal entendimento, uma forma de colocá-lo em prática seria o estabelecimento de uma agenda de prioridades nacionais e estabelecer uma rotina de negociação permanente em torno dela, explica Reis Velloso. Sem isso, metas até positivas perseguidas pelo Governo tornam-se uma verdadeira corrida de obstáculos, como foi o caso da privatização da Usiminas que, lembrou, acabou ocorrendo, mas de forma absolutamente truncada, com o Governo, através do BNDES, tendo que superar obstáculo atrás de obstáculo.

Falando de uma área em que é especialista reconhecido, o planejamento, Reis Velloso disse que apesar da aparente desorganização em torno das metas do Governo, ele tem objetivos de médio prazo, como são os casos da própria privatização,

abertura dos mercados, aumento da competitividade etc, mas que todos esses programas deixam de ter sua importância avaliada devido às atribuições causadas por um dia-a-dia extremamente tumultuado.

Choque — A credibilidade do Governo é outra instituição que deve ser imediatamente restabelecida, afirma o ex-ministro, para que os mercados possam voltar à normalidade de longo prazo sem temer a mudança assídua das regras do jogo. "Os agentes econômicos precisam ter previsibilidade para não viver em estado de choque. E por falar em choque, esta é uma palavra que tem de sair do mapa da economia brasileira", diz Reis Velloso.

Para ele, o País acaba de sair de uma fase de grande instabilidade provocada pela mididesvalorização do dólar que fez com que a sociedade e os agentes econômicos perdessem momentaneamente o parâmetro da inflação. "Achei muito positivo que o Governo tenha resistido à tentação de um novo choque no auge da crise", disse. Acrescentou que a sociedade não aceita mais a possibilidade de choques e que é preciso que o Governo expugne de seu meio tal idéia de uma vez por todas para que a sociedade acredite que esse risco não voltará a rondar suas vidas e a normalidade seja restabelecida.

Quanto ao risco de uma hiperinflação, Reis Velloso disse que o Brasil vem há muitos anos namorando com ela, mas que o casamento, felizmente, nunca se consumou e que também não será desta vez. "Vejo uma certa estabilidade, apesar das taxas terríveis", afirmou. O que acontece, segundo ele, tomando isso também como argumento contra os choques econômicos, é que não importa que a inflação seja praticamente zerada por um choque, como aconteceu várias vezes nos últimos anos, porque as terríveis taxas inflacionárias continuam muito vivas na memória dos agentes financeiros, de maneira que elas acabem sendo imediatamente retomadas na primeira oportunidade e a economia se torna automaticamente indexada, mesmo que informalmente, como ocorre no momento.